



## **Irreversível: A Irreparabilidade do Tempo no Cinema<sup>1</sup>**

Ana Carolina Monteiro Franco<sup>2</sup>

Gustavo da Silva Barbosa<sup>3</sup>

Sacha Mofreita Leite<sup>4</sup>

Estudantes do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### **Resumo**

Este artigo faz uma análise da narrativa não cronológica, da história, da técnica e de determinadas metáforas escolhidas no filme francês “Irreversível”. Partimos da premissa que o filme de Gaspar Noé é a representação de ações irreparáveis do ser humano diante de situações extremas. No longa metragem, o diretor utiliza recursos como a montagem invertida, o movimento de câmera instável e o uso do som nauseante. Tais elementos potencializariam a violência presente no filme. Acreditamos que as cenas e a linguagem cinematográfica de “Irreversível” causam repulsa no espectador com o propósito de discutir como estamos à mercê da impossibilidade de reverter o tempo.

### **Palavras-chave**

Cinema; violência; tempo; desconstrução; vingança.

### **Introdução**

Este trabalho pretende fazer uma análise do filme “Irreversível”, lançado em 2002, levando em consideração seus aspectos filosóficos e estéticos. Faremos uma apreciação crítica do conteúdo da película, assim como da sua narrativa e a técnica empregada para realizá-la. Fizemos uma pesquisa em livros sobre cinema e selecionamos resenhas e críticas publicadas em veículos especializados, como revistas e textos acadêmicos.

Dirigido por Gaspar Noé, “Irreversível” foi realizado na França e estreou no Festival de Cannes de 2002. A distribuição é da *Lions Gate Films Inc.*, a fotografia é de Benoît Debie e Gaspar Noé e a produção é de autoria de Christophe Rossignon. O

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à sessão II do Intercom Júnior de 2006.

<sup>2</sup> Ana Carolina é autora do artigo “O Verbo em Português como Segunda Língua: Uma análise contrastiva com a Língua Japonesa”, UERJ. amonteirofranco@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Gustavo Barbosa é estudante do oitavo período de jornalismo na PUC Rio. gustavopucRio@gmail.com.

<sup>4</sup> Sacha Leite é bolsista PIBIC da pesquisa “Aspectos antropológicos da significação”, PUC-Rio. sachaleite@ig.com.br.



diretor também é responsável pela edição e pelo roteiro. A atriz Monica Bellucci interpreta Alex, Vincent Cassel faz o papel de Marcus e Albert Dupontel é Pierre.

Como consta no *site* “Adoro Cinema”,

O filme narra, de trás para frente, a história de uma vingança. A primeira seqüência mostra dois amigos desesperados, Marcus (Vincent Cassel) e Pierre (Albert Dupontel), saindo pelo submundo de Paris à procura do homem que teria estuprado e espancado Alex (Monica Bellucci), a atual namorada de Marcus e ex-namorada de Pierre. Em seguida, a narrativa volta passo a passo no tempo para mostrar como Marcus e Pierre descobriram o nome do autor do crime, recuando até o próprio estupro e os eventos que o antecederam.<sup>5</sup>

Sendo a semiologia o estudo da “vida dos signos no seio da vida social” – já que o homem “é um animal simbólico e, por isso, suas percepções do sensível são sempre significativas”<sup>6</sup> – é possível analisar, por meio desta ciência, a forma como o “código fílmico”<sup>7</sup> foi utilizado na montagem de “Irreversível”. É isso que temos como objetivo neste trabalho.

Dentro da linguagem cinematográfica o diferencial mais perceptível do filme em questão é a montagem não cronológica. Tal montagem dialoga com o título, pois, ao final da película, por mais que o espectador se identifique com os personagens, o público sabe o que acontecerá e sabe que é uma condição “irreversível”. “O futuro está escrito”, como diz Alex no filme.

“Muitas vezes são os extremos que nos ensinam sobre os estados intermediários: gelo e vapor”<sup>8</sup> nos ensinam mais sobre a água do que o líquido em si. Na escala cinematográfica, “Irreversível” estaria em um extremo, pois é um conjunto de quebra de paradigmas, como a linearidade temporal, a movimentação de câmera e o som. Desta forma, podemos utilizar esse filme para entender melhor outros filmes. Talvez por conta de sua singularidade, as pessoas o amam ou o odeiam: sentimentos extremos.

---

<sup>5</sup> Retirado do site <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/irreversivel/irreversivel.htm>. Acessado em 21 de setembro de 2005.

<sup>6</sup> KATZ, Chaim Samuel.; DORIA, Francisco Antonio.; LIMA, Luiz Costa. *Dicionário básico de comunicação*. 2a ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 376

<sup>7</sup> Entende-se por “código fílmico” – “uma comunicação ao nível de determinadas regras narrativas” - ECO, Umberto., *A estrutura ausente*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.139

<sup>8</sup> MURCH, Walter. *Num piscar de olhos: edição de filmes sob a ótica de um mestre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 13.



## **Análise da montagem e a narrativa desconstruída**

Irreversível  
Porque o tempo destrói tudo  
Porque algumas ações são irreparáveis  
Porque o homem é um animal  
Porque o desejo por vingança é um impulso natural  
Porque a maioria dos crimes permanece impune  
Porque a perda de uma pessoa amada destrói como um relâmpago  
Porque o amor é a fonte da vida  
Porque toda a história é escrita em esperma e sangue  
Porque em um mundo bom  
Porque premonições não alteram o rumo dos eventos  
Porque o tempo revela tudo  
O melhor e o pior<sup>9</sup>

Um filme que utiliza a montagem de trás para frente, “Amnésia” (*Memento*, 2001), de Christopher Nolan, causou certo furor na crítica de cinema. “Irreversível” não tem a mesma intenção, afinal, o impacto já fra causado e a mesma técnica só iria parecer um truque “moderno”. A montagem invertida de “Irreversível” também não serve só para criar suspense. Aliás, o suspense do filme é nenhum, e a partir da metade do filme o casal Alex e Marcus aparecem como pequenos burgueses comuns, apaixonados e vivendo situações conjugais.

Ao inverter a ordem dos fatos, Gaspar Noé desconstrói os paradigmas de justificação da violência, mostrando a barbárie em estado bruto ao espectador. Uma das cenas mais chocantes do filme é quando Alex é estuprada e espancada por um homem chamado Tênia. Como dizem Mikita Brottman<sup>10</sup> e David Sterritt<sup>11</sup>:

Nesta longa cena de violência, o tempo parece permanecer estático enquanto Alex grita por socorro e estende sua mão em direção à câmera num gesto de desespero e inutilidade. Vemos a cena que precede o estupro – uma festa onde Marcus se droga e se diverte com outras mulheres, fazendo com que Alex se irrite e vá para casa sozinha.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Retirado do site oficial de *Irreversível*. Tradução livre. Disponível em <http://www.irreversiblethemovie.com>. Acessado em 20 de setembro de 2005.

<sup>10</sup> Mikita Brottman é professora de Letras e Literatura do Instituto de Artes de Maryland. É autora dos livros “Offensive Films” e “Hollywood Hex” e escreve para publicações acadêmicas.

<sup>11</sup> David Sterritt é professor de teatro e cinema da Universidade de Long Island.

<sup>12</sup> BROTTMAN, Mikita e STERRITT, David. *Irreversible*. Tradução livre. In: *Film Quarterly*, volume 57. Estados Unidos: Academic Research Library, 2004. p. 38.



O artifício utilizado pelo diretor, quando divide a película em duas – antes e após o estupro – marcando o *posteriori* com uma imagem tremida, já foi eficaz. No entanto, após muitas exhibições da mesma idéia em diferentes filmes, como “Amnésia” (2001) e *Peppermint Candy* (2000), esse recurso tem o seu significado esvaziado, tornando-se um clichê. Essa situação é comentada por Jean-Claude Carrière, em sua obra “A Linguagem Secreta do Cinema”:

O primeiro homem a fazer a imagem tremer a fim de indicar uma mudança na percepção foi um verdadeiro inovador. O segundo copiou o primeiro, talvez aperfeiçoando o processo. Na terceira vez, o efeito já é um clichê... É preciso inovar, ousar - e, de vez em quando, fracassar - para narrar e expor.<sup>13</sup>

O fenômeno descrito na citação acima nos remete a Walter Benjamin, no momento que o autor ensaia sobre “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. O cinema já é reprodutível *per se*, isto é, não há uma película original, ao menos esta não é valorizada por tal motivo. O filme ganha prestígio quanto mais reproduzido for. Benjamin questiona se, mesmo sem os conceitos de “aura” e de “aqui e agora” é possível haver uma obra de arte.

A montagem utilizou-se de variados efeitos especiais, ou seja, as imagens foram intensamente manipuladas por computador no momento da edição. O curioso é que não se trata de um filme de ficção científica, mas talvez de um novo gênero, que vem encontrando êxito para com os espectadores: a exibição espetacular e explícita de cenas de sexo e violência. A busca pelas novas tecnologias em detrimento da valorização do enredo da seqüência é explanada por Carrière:

Constantemente deslumbrados com o progresso técnico, nós cineastas tendemos a esquecer a essência e o sentido - os quais são verdadeiros e raros - e a enxergar apenas as mesmas rotinas repetidas no mais recente disfarce tecnológico.<sup>14</sup>

A manipulação das imagens pode soar como exagero dos realizadores, uso de uma linguagem apelativa, invasiva ou grosseira, como na cena do extintor, em que foi utilizado um boneco de látex semelhante ao ator e a sobreposição de dois efeitos de computação; e na cena do estupro, em que foi acrescentado um pênis postiço ao ator que

---

<sup>13</sup> CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Tradução de Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 21

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*. p.23



interpreta Tênia. Entretanto, contribuem para aumentar o grau de verossimilhança embutido pelo diretor no filme.

Podemos mais uma vez utilizar a citação de Carrière para traçarmos uma analogia com Benjamin, quando o primeiro diz que tendemos “a enxergar as mesmas rotinas repetidas no mais recente disfarce tecnológico”.<sup>15</sup> Para Benjamin, o avanço tecnológico permitiu um aperfeiçoamento das técnicas de reprodução que passaram a ser usadas pelos meios de comunicação, como o cinema. Essa repetição, alavancada pela reprodução em série, causaria um empobrecimento do nível cultural.

Em “Irreversível”, a relação estabelecida entre o que passa na tela e a percepção do espectador cria um envolvimento entre ator-audiência que interfere no julgamento das ações tomadas pelos personagens. Ou seja, os atores optam por atitudes extremas ao se depararem com um destino desesperador e o espectador compreende seu comportamento porque conhece o rumo de antemão. Neste sentido, a montagem invertida serve como uma maneira de reforçar a idéia que o ser humano age com irracionalidade em situações-limite.

A criação da trajetória reversa, em que se presencia primeiro a consequência e depois o fato gerador, provoca certa cumplicidade e relativização de juízo de valores, como afirma o crítico de cinema Pablo Villaça ao analisar o personagem Marcus:

Quando encontramos Marcus (Vincent Cassel) pela primeira vez, somos levados a acreditar que o sujeito é um indivíduo animalesco, tamanho seu ódio. Porém, à medida que vemos a raiva do personagem ser gradualmente 'desconstruída', percebemos que ele é uma pessoa comum, e que sua ira é fruto de uma tragédia - o que nos leva à inevitável conclusão de que, conforme as circunstâncias, qualquer um de nós poderia exibir aquele tipo de comportamento.<sup>16</sup>

A inversão da ordem cronológica no filme demonstra que “fazer vingança com as próprias mãos” nunca será eficaz, visto que Pierre acaba, barbaramente, errando o alvo, e, ao invés de matar o estuprador, assassina alguém que estava ao lado dele. Se o filme fosse contado de forma linear, haveria a possibilidade de os espectadores se identificarem com os personagens, e, dessa forma, julgarem justo e racionalmente aceitável tanto o discurso quanto a práxis da vingança.

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem. p.23

<sup>16</sup> VILLAÇA, Pablo. “Irreversível”. *Cinema em cena*. Disponível em [http://www.cinemaemcena.com.br/crit\\_editor\\_filme.asp?cod=2249](http://www.cinemaemcena.com.br/crit_editor_filme.asp?cod=2249). Acessado em 22 de setembro de 2005.



O título do filme diz que seria impossível revertê-lo. No entanto, observamos que o filme só tem o efeito desejado pelo diretor porque desconstrói a moral que sustenta o conceito de vingança (“o homem tem direito de vingança”, “o agressor fez correr sangue e sangue pede vingança”). O rompimento da ordem cronológica é chocante para o espectador, que testemunha uma onda de violência animalizada, brutal, que soa gratuita para quem ainda não foi apresentado aos personagens.

### **Análise da trama e de falas**

A trama do filme se constrói em cima do “desejo por vingança que é um impulso natural” do ser humano. A intervenção de Mourad, personagem que possibilita a vendeta, simboliza a tentação demoníaca que visita o homem em momentos extremos como a notícia recente de que sua namorada foi estuprada. “O agressor fez correr sangue e sangue pede vingança”; “Você parece gente boa, bem vestido, parece ter meios”; “Se tiver grana a gente pode te ajudar”<sup>17</sup>.

No exato momento em que Marcus fica sabendo que a sua namorada foi violada, ainda letárgico e sob efeito de alucinógenos, é abordado por Mourad. Este, aproveitando-se da sua condição momentânea, oferece-lhe duas alternativas: submeter-se à proteção do Estado, conformando-se com a situação, ou “recuperar” a honra perdida com a violação de sua namorada. A escolha de Marcus, no entanto, foi individualista e egocêntrica, visto que ele embarcou em uma “viagem definitiva” em busca do estuprador e esqueceu-se do principal, Alex.

Tal desejo de vingança é tão forte que transpassa qualquer barreira e transforma qualquer um. Isso é percebido na película quando o filósofo bom-rapaz, Pierre, que proferia: “‘Chega dessa história de vingança’ / ‘Que vingança série B é essa!’ / ‘Se você tivesse cuidado da Alex, nada disso teria acontecido’”<sup>18</sup> se converte em assassino, contradizendo tudo que prega. O estuprador observa Pierre desfigurar seu colega, com os olhos brilhando.

“Irreversível” contempla em sua história uma espécie de Teoria do Caos ou Teoria da Complexidade, na qual tudo parece aleatório, mas em uma lógica complexa,

---

<sup>17</sup> Fala de Mourad no filme.

<sup>18</sup> Fala de Pierre no filme



tudo está relacionado, assim como no filme “Efeito Borboleta” (*The Butterfly Effect*, 2004), de Eric Bress e J. Mackye Grube.

Durante a cena da festa, que prepara o filme para o seu clímax da sua narrativa, as pessoas tentam se divertir usando drogas e fazendo orgias, assim como no *Rectum* – a boate *gay*. Nesse sentido, podemos interpretar que o filme não é preconceituoso, que o mesmo não faz juízo de valor. Por outro lado, podemos supor o seguinte: talvez, se as pessoas tivessem tido mais respeito à moral e aos bons costumes, não houvesse ocorrido tanta desgraça.

Quando Alex sai da festa, após brigar com Marcus, ele abre os braços, como se a deixasse escapar. Porém, Alex afirma que “o futuro está escrito. Está tudo lá e um exemplo disso são os sonhos premonitórios”. Essa fala pode ser experimentada pelo espectador, que já observou o sombrio destino que a aguarda. Ela sonhou: “Eu estava em um túnel, todo vermelho, e depois ele se dividia em dois”.

Podemos destacar que, quando estamos no meio de um túnel, na verdade, ele se divide em dois lados, duas possibilidades de saída. Tendo em mente que o “futuro está escrito”, Alex nunca iria atravessar o túnel, por mais que quisesse.

Como Adão e Eva no paraíso, nus, comendo a fruta proibida, e ouvindo uma canção que diz “você faz a minha cabeça rodar”, Alex e Marcus não sabem o destino que os aguarda. A câmera fica estática, a iluminação clara. Nesse sentido, é possível considerar que o filme trabalha com uma perspectiva maniqueísta, já que se divide em dois: antes e após a cena do estupro no túnel.

### **Análise de metáforas escolhidas**

O símbolo principal do filme, o túnel vermelho “piscando” demonstra uma transformação na percepção da câmera, assim como de nós, espectadores. Testemunhamos a trama, que, após esse referido marco muda completamente a sua fotografia de clara para escura, a sua câmera, de invasiva para conservadora, e de giratória para estática, assim como a trilha sonora passa de uma sobreposição de ruídos para a clareza na distinção dos sons.

A câmera da parte inicial é fluida, de forma a simbolizar uma visão dos acontecimentos quase que onipresente nas ações que ocorrem à sua volta, como se estivesse procurando sentido assim como o espectador que ainda não entende o que está



acontecendo. A câmera do final é estática o que demonstra a passividade do espectador que agora sabe as circunstâncias, mas é incapaz de qualquer ação.

A linguagem sonora do início conota a confusão e a loucura que se passa nas mentes de Marcus, Pierre e também do espectador – dialogando com a movimentação de câmera. Quando Alex toma banho, ela e Marcus se beijam divididos pela cortina de plástico. Os personagens são unidos pelo amor, mas separados por um destino que os distinguirá afastando-os no mundo da ira e da impotência.

A trilha sonora inicialmente apresenta ruídos eletrônicos oscilando (glicando) do grave para o agudo de forma repetitiva, o que provoca no receptor uma sensação de enjoô e náusea. A primeira metade do filme é marcada pelo áudio intenso, chegando a se sobrepor à fala dos personagens. Já na segunda metade da produção, os ruídos dão lugar a músicas como a tocada na cena de Marcus e Alex no estúdio “você faz minha cabeça rodar” e a clássica presente na penúltima cena, em que Alex toma sol na praça. Já a última seqüência, que retrata o nascimento ou o fim da película, é contemplada com silêncio. Segundo Brottman e Sterritt,

A seqüência final, uma rápida explosão de *frames* em preto-e-branco, pode ser vista como a visão de um útero simbólico, invocando o momento da concepção e talvez o começo da vida em si.<sup>19</sup>

Antes de Alex descobrir que está grávida há um plano em que aparece o cartaz do filme “2001: Uma Odisséia no Espaço” (*2001: A Space Odyssey*, 1968), de Stanley Kubrik, com a mensagem: “a viagem definitiva”. O bebê no pôster associado à frase, que serve de subtítulo do filme, são citações que se relacionam com a mensagem explicitada no início e no fim do longa: “o tempo destrói tudo”. No entanto, o recorte de Irreversível é a estética da destruição contida nessa “viagem definitiva”.

Na cena final Alex está tomando sol, observando crianças em um ambiente bucólico, pueril e solar, enquanto a Terra roda. A movimentação da câmera neste momento faz a Terra parecer um disco que não pára de tocar, gira sempre pois a construção só se dá pela “desconstrução” – “na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.”<sup>20</sup> O “mundo” dá voltas e o filme fecha sua narrativa cíclica com o retorno à mensagem “O tempo destrói tudo – *Le temps détruits tout*”. No entanto, só existe destruição se, em princípio, houver construção.

---

<sup>19</sup> BROTTMAN, Mikita e STERRITT, David. op. cit. p. 7

<sup>20</sup> Frase do químico francês Antoine Laurent Lavoisier.



Gaspar Noé intensifica a sensação de impotência e indignação no espectador ao mostrar, na cena do estupro, um sujeito no fundo do túnel que não presta socorro à vítima. Como afirma o crítico Jason Shawhan, “esse indivíduo vê o que está acontecendo em primeiro plano e então volta e vai embora. É um momento horripilante numa seqüência que já é em si horripilante”.<sup>21</sup>

Estas seqüências produzem um impacto emocional no receptor, que faz com que ele se sinta, de certa forma, envolvido com o personagem. Uma das capacidades do cinema é despertar as mais diversas sensações no público – tanto positivas quanto negativas. Para tanto, a performance do ator é fundamental. Como afirma Eisenstein, a interpretação impacta sobre os sentidos de quem a presencia. Segundo ele,

uma atração é qualquer aspecto agressivo do teatro; ou seja, qualquer elemento que submete o espectador a um impacto sensual e psicológico, regulado experimentalmente e matematicamente calculado para produzir nele certos choques emocionais que, quando postos em uma seqüência apropriada na totalidade da produção, tornam-se o único meio que habilita o espectador o lado ideológico daquilo que está sendo demonstrado – a conclusão ideológica final.<sup>22</sup>

Há uma cena do filme em que os personagens Alex, Marcus e Pierre conversam no metrô. Essa seqüência se assemelha à *nouvelle vague* francesa, em que os personagens têm conversas sobre a psique humana, algo muito cerebral, racional, bem diverso das cenas anteriores (ou posteriores, dependendo do ponto de vista), em que as falas são mais emocionais.

A produção é um retrato da crueldade humana, do fetiche sádico. Na cena do estupro no túnel, Tênia reclama por Alex estar lutando para escapar de seus braços: “Se eu fizer um sorriso aí?”. A cena dura dez minutos sem cortes. O túnel simboliza o tempo, a vida. Divide em duas partes e tem cor de sangue – vermelho. Simboliza a violência da destruição aleatória trazida pelo tempo.

Apesar de o filme ser considerado maldito pela maioria dos espectadores leigos ou especializados, podemos observar símbolos cristãos em seu conteúdo, como na cena de Alex e Marcus nus, comendo uma fruta no apartamento – Adão e Eva no

---

<sup>21</sup> SHAWHAN, Jason. *It's beginning, To and Back Again: The Sense-Deranging Sound + Vision of Gaspar Noe's Irreversible*. Tradução livre. Disponível em <http://www.thefilmjournal.com/issue4/irreversible.htm>. Acessado em 20 de setembro de 2005.

<sup>22</sup> EISENSTEIN, S. M. *The Drama Review*. Estados Unidos, março de 1974, p.79. In: XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.107



paraíso; o momento em que Mourad intercepta Marcus logo que este recebe a notícia do estupro – a última tentação de Cristo; e a inversão da ordem cronológica do filme (mostra que não é impossível fazer justiça em um contexto de vingança) – “oferece-lhe a outra face” ao invés da lógica “olho por olho, dente por dente”.

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao homem mau; mas, a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar mil passos, vai com ele dois mil. (Mt 5,38-41)<sup>23</sup>

## Conclusão

A produção de Gaspar Noé pode ser vista, tendo em mente as informações expostas durante o trabalho, como algo inusitado por misturar várias quebras de paradigmas em um só filme. Elementos como a movimentação de câmera, montagem narrativa, áudio e a divisão estética na trama constroem uma película que causa reações extremas, por ser extremo.

Sendo o ser humano altamente simbólico, podemos perceber que há muitas metáforas durante todo o filme. Tais metáforas fazem pensar na trama e em nossas próprias vidas, pois “Irreversível” é altamente catártico. Somos obrigados a relativizar nossos problemas, ao lembrarmos que “o tempo destrói tudo”: porque se estressar tanto com algo se a vida é tão frágil?

O texto do site oficial sob o link *Story*, traduzido neste trabalho em “Análise da montagem e a narrativa desconstruída”, mostra de forma geral os objetivos do filme e denota alguns dos aspectos abordados no trabalho, como a vingança, o tempo e ações irreparáveis.

“Irreversível” não é, de fato, simplesmente uma história contada ao contrário, mas um estudo complexo da natureza do tempo. Seu diretor está mais interessado na forma do tempo em si do que na relação entre causa e efeito<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Trecho da Bíblia - (Mt 5,38-41). Disponível em [http://www.mundocatolico.org.br/Evangelho/evanse\\_130605.htm](http://www.mundocatolico.org.br/Evangelho/evanse_130605.htm). Acessado em 28 de setembro de 2005

<sup>24</sup> BROTTMAN, Mikita e STERRITT, David. op.cit. p.39.



Fazer este trabalho foi uma análise do nosso próprio ser, pois “Irreversível” mostra pessoas comuns em situações incomuns, completamente possíveis, irreparáveis, e inevitáveis. Não há como saber se algo desse tipo irá acontecer, e nem como iremos nos portar.

Acreditamos que a frase que ilustra bem a película é “o tempo destrói tudo”. Destruirá tudo, sem pena, nem dó, desde o filme, até este trabalho e a nós mesmos. O tempo destrói tudo de forma irreversível, e nós – meros seres humanos – devemos aceitar nossa condição de simples passivos a estas circunstâncias. Assim como afirmou o filósofo Arthur Schopenhauer em 1851, “o tempo é por virtude aquele em que tudo se torna inexistente em nossas mãos e perde seu real valor”.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Essays and Aphorisms*. Tradução livre. Londres: Penguin Books, 1970. p.51



## Referências bibliográficas

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. -. 16. ed. - São Paulo: "Ave Maria", 1971.

BROTTMAN, Mikita e STERRITT, David. *Irreversible*. In: Film Quarterly, volume 57. Estados Unidos: University of California Press, 2004.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Tradução de Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

KATZ, Chaim Samuel, DORIA, Francisco Antonio e LIMA, Luiz Costa. *Dicionário básico de comunicação*. 2a ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MURCH, Walter. *Num piscar de olhos: edição de filmes sob a ótica de um mestre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Essays and Aphorisms*. Londres: Penguin Books, 1970.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

## Internet

<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/irreversivel/irreversivel.htm>. Acessado em 21 de setembro de 2005.

<http://www.irreversiblethemovie.com>. Acessado em 20 de setembro de 2005.

VILLAÇA, Pablo. "Irreversível". *Cinema em cena*. Disponível em [http://www.cinemaemcena.com.br/crit\\_editor\\_filme.asp?cod=2249](http://www.cinemaemcena.com.br/crit_editor_filme.asp?cod=2249). Acessado em 22 de setembro de 2005.

<http://www.mundocatolico.org.br/Evangelho/evanse130605.htm> Acessado em 28 de setembro de 2005

SHAWHAN, Jason. *It's beginning, To and Back Again: The Sense-Deranging Sound + Vision of Gaspar Noe's Irreversible*. Disponível em <http://www.thefilmjournal.com/issue4/irreversible.html>. Acessado em 20 de setembro de 2005



## Filmografia

2001: Uma Odisséia no Espaço. *2001: A Space Odyssey*. 1968. Stanley Kubrick. Ficção Científica. 149 minutos. Estados Unidos. Cor.

Amnésia. *Memento*. 2001. Christopher Nolan. Drama. 120 minutos. Estados Unidos. Cor.

Efeito Borboleta. *The Butterfly Effect*. 2004. Eric Bress e J. Mackye Gruber. Suspense. 113 minutos. Estados Unidos. Cor.

Irreversível. *Irréversible*. 2002. Gaspar Noé. Drama. 97 minutos. França. Cor.

Peppermint Candy. *Bakha Satang*. 2000. Chang-dong Lee. Drama. 129 minutos. Coreia do Sul e Japão. Cor.